

UNIVERSIDADE E SOCIEDADE

(Como resgatar suas principais relações)

Ivandro da Costa Sales

Prof. Adjunto da Universidade Federal da Paraíba

INTRODUÇÃO:

Porque se preocupar tanto com a Universidade?

Por que se investe tanta energia e tanto dinheiro nas Universidades?

Como explicar a grande preocupação do governo americano com as Universidades brasileiras em 1965 e 1967, fazendo aqueles convênios MEC/USAID?

Por que a ditadura militar instaurada em 1964 teve tanto cuidado em demitir, prender e cassar professores? Por que prenderam tantos estudantes e fecharam suas principais organizações? E por que a pressa em criar organizações bem comportadas para substituir as organizações proibidas?

O que na Universidade não está satisfazendo as pessoas que, coincidentemente, também não estão satisfeitas com a prática e rumos da sociedade?

Que importância tem a Universidade? O que esperar dela? O que resgatar na prática universitária?

A UNIVERSIDADE

O que diferencia uma Universidade de uma fábrica? E de uma empresa comercial ou financeira? E de uma instituição de planejamento ou de prestação de serviços?

Pelo seu modo de atuar, todas as instituições produzem ou confirmam um saber ou um modo de sentir/pensar/agir.

Por produzir um saber, todas as instituições são educadoras. Porém, enquanto todas as instituições produzem saber, pelo modo de produzir e distribuir bens e serviços, a Universidade e instituições de ensino e pesquisa têm como função a produção do saber. Então, além de educadoras, como todas as instituições, a Universidade é uma instituição de educação. O saber ou o modo de sentir/pensar/agir, é a matéria prima, o insumo, o instrumento de trabalho e o produto da Universidade.

A Universidade é produtora de saber e não só de conhecimento. O conhecimento intelectual é apenas um dos componentes do saber. A Universidade tem como matéria prima, insumo, instrumento e produto o pensar, o sentir e o agir. Deve existir alguma conveniência em negar o sentir e o agir

presentes no processo pedagógico.

É pelo modo de atuar que as instituições de produção e distribuição de bens e serviços produzem saber. É igualmente, pelo modo de produzir saberes, que a Universidade produz saberes. O saber produzido pela Universidade está marcado e determinado pelo modo de articular os elementos todos da produção do saber. Estamos insistindo em que, numa prática de produção do saber, é essencial estar atento ao modo de viver o processo de produção.

Em contraposição a uma postura empirista que pratica e vê o mundo e o saber como algo mágico, como algo dado, eterno, talvez caído do céu, sem história, e também em contraposição a uma postura funcionalista que pratica e vê o mundo e o saber nascendo e se aproximando de valores universais, queremos neste trabalho viver e ver o saber e também o mundo como algo histórico, como algo produzido por agentes detentores de um saber, atuando sobre uma matéria prima pré-existente, utilizando instrumentos de trabalho.

O saber, sendo uma produção, tem uma matéria prima: o próprio saber em transformação. Tem também um instrumento de produção: é o saber que, no processo concreto, esteja transformando saberes.

O saber em transformação não é o saber dos alunos ou o saber do povo. É qualquer saber de autores, de professores, de estudantes, de classes sociais que esteja em transformação.

O saber que funciona como transformador de saberes não é o saber dos autores e professores. É o saber de quem, independentemente do grau de instrução e da função técnico-administrativo no processo de produção, esteja transformando saberes.

O saber é o modo de sentir/pensar/agir a geração, gestação e transformação do mundo. O processo de produção do saber vive o mundo como algo produzindo ou como algo mágico. Admitimos que vive melhor ou mais adequadamente o mundo quem vive suas leis de geração, gestação e transformação do que quem o vive como algo mágico, sem história.

Em nossa sociedade, as leis de geração/gestação/transformação do mundo são as alianças e enfrentamentos dos interesses parecidos/diferentes/contrários/antagônicos, alguns tentando se perpetuar, e a grande maioria tentando se fazer tomar em consideração.

A produção do saber tem sempre a ver com a aliança/enfrentamento de interesses na sociedade. É sempre um serviço à afirmação ou negação de interesses.

A Universidade e instituições de ensino e pesquisa são compostas de funcionários de interesses. Dentro delas acontece uma aliança/enfrentamento de interesses, afirmando/negando interesses mais fundamentais da sociedade. Até supomos que o atual modo de produzir saberes nas instituições de ensino e pesquisa é um serviço de perpetuação de interesses já afirmados.

Não vive o saber como produção quem vive o mundo como algo dado, místico, sem história, sem aliança/enfrentamento de interesses.

Deve ser conveniente para os interesses já afirmados que estudantes sejam consumidores de saber, professores se comportem como transmissores de saber e que a grande maioria, cujos interesses ainda não estão afirmados, se tenham como simples usuários do saber.

O resgate da Universidade ou a perpetuação do seu modo atual de agir coincidirá com a vivência das seguintes questões: O que estudar nas Universidades? Quem deve definir o que estudar?

Qual o lugar dos diferentes saberes na produção de um novo saber? Como validar o saber produzido? Como viver a atual separação entre ensino, pesquisa e extensão?

UNIVERSIDADE E SOCIEDADE

O processo fundamental de nossa sociedade é a aliança/enfrentamento de interesses semelhantes/diferentes/contrários/antagônicos. Alguns já afirmados, tentando permanentemente se perpetuar, e a grande maioria tentando ser tomada em consideração. É a aliança e enfrentamento de interesses tentando se perpetuar e tentando se afirmar que gera a sociedade. A aliança/enfrentamento de interesses está na origem e possibilidades de superação dos problemas da sociedade.

Pelo que faz e pelo que deixa de fazer, a Universidade está sempre contribuindo para afirmação ou negação de interesses. Não estar consciente disso, já pode ser um serviço aos interesses que já estão afirmados.

Que interesses deveria a Universidade ajudar a esclarecer e viabilizar? Que interesses, portanto, ajudar a afirmar ou perpetuar?

Na divisão social do trabalho, a Universidade está convocada a contribuir para a afirmação/negação de interesses, produzindo/reproduzindo um modo de sentir/pensar/agir adequado à afirmação de alguns interesses e à negação de outros.

Será que a Universidade não está convocada a ajudar a esclarecer/organizar/viabilizar os interesses dos principais construtores da sociedade? Quem, senão os trabalhadores, são os principais construtores da sociedade?

A Universidade está, portanto, convocada a prestar um serviço à afirmação dos interesses dos trabalhadores. E o fará, produzindo/organizando um modo de sentir/pensar/agir que já seja um posicionamento na luta de afirmação de seus interesses.

O modo de sentir/pensar/agir é um modo de atuação. É uma tecnologia.

Que tecnologias ou modo de sentir/pensar/agir deve a Universidade produzir? Que interesses deve ajudar a afirmar?

São tecnologias de aproveitamento das potencialidades dos agentes humanos e materiais da construção da sociedade.

São tecnologias de diminuição de desgaste e reposição de energias dos agentes humanos e materiais investidas na construção da sociedade.

São tecnologias apropriadas à produção de um modo de sentir/pensar/agir na sociedade, adequado a fazer valer interesses negados, resgatar a auto-estima e a altivez de quem não está conseguindo sentir/pensar/agir como construtor da sociedade e detentor de um saber.

Pelo modo de produzir saber, a Universidade aprofunda ou superficializa saberes. Só que, ao não aprofundar saberes, a Universidade está produzindo um modo de sentir/pensar/agir pobre, sem brilho, sem pulso, sem vida, o que é bem adequado à perpetuação dos interesses de grupos que já estão afirmados.

Ao não aprofundar o saber, a Universidade deixa de prestar um serviço aos trabalhadores que ainda não podem substituir a Universidade, como fazem os empresários, que têm seus assessores, seus centros de pesquisa, seus laboratórios, etc. Para eles deve ser conveniente que a Universidade não esteja contribuindo para aperfeiçoar um modo de sentir/pensar/agir de resgate de importância, auto-estima, altivez, dignidade, soberania, etc. Eis aí porque a Universidade, pelo que faz e pelo que não faz, está sempre contribuindo para afirmação/negação de interesses.

QUE SABER PRODUZIR NA UNIVERSIDADE?

Por que a Universidade faz questão de estudar disciplinas teóricas, disciplinas práticas, autores, apostilhas, temas abstratos sem fazer referência aos problemas da sociedade, quando se supõe que conhece melhor quem consegue conhecer/produzir as diferentes estratégias e metodologias de afirmação/negação de interesses?

Aparentemente desvinculada da afirmação/negação de interesses, a Universidade não produz um saber que revela/transforma a realidade. Assim mesmo, produz um saber. Só que um saber ilusório, um modo de sentir/pensar/agir inseguro e prepotente, um saber que não se sabe. Os formandos desta Universidade sabem dizer que estudaram tais teorias, tais e quais modelos, tais autores, etc. Ao mesmo tempo, quase sempre não sabem que a produção do saber tem a ver com a afirmação/negação de interesses fundamentais da sociedade. Tudo se passou na Universidade como se o saber fosse neutro, ou técnico, ou independente do contexto de alianças/enfrentamento de interesses.

A Universidade não é livre para estudar o que quiser. Ela está solicitada a ajudar a esclarecer/organizar os interesses dos construtores da sociedade. Está portanto convocada a produzir tecnologias técnicas/políticas/sociais de afirmação dos interesses maiores da sociedade, os interesses dos construtores da sociedade, os interesses dos trabalhadores.

Produzindo ilusão de saber, produzindo assessores com brutais defeitos de fabricação, a Universidade contribui para perpetuação dos interesses vigentes que não precisam da Universidade para formar os seus assessores. Estão precisando da Universidade somente enquanto ela prepara péssimos assessores para os trabalhadores. Não precisam da Universidade para ajudá-

los a lutar bem. Gostam da Universidade porque ela ajuda os trabalhadores a lutar mal.

A Universidade, portanto, não é livre para estudar o que quiser. Ela deve ajudar a entender/solucionar os problemas dos trabalhadores que, não por acaso, são a maioria da sociedade.

Como identificar os problemas a serem entendidos/solucionados?

Saindo da Universidade. Consultando as organizações representativas dos diferentes grupos e classes sociais, consultando as organizações representativas dos trabalhadores, de seus adversários. Não esquecer os seus adversários. O que é importante para os trabalhadores é também importante para seus adversários.

O contrário também é verdade.

Nem precisa se afligir muito na busca dos problemas a serem entendidos/solucionados. Basta consultar os documentos dos congressos, das convenções, das assembléias gerais das diferentes categorias de classes sociais. Por aí se conseguirá a participação dos trabalhadores na definição do que estudar nas Universidades.

Participação é bem mais do que qualquer consulta. É o exercício de poder fazer valer interesses mais fundamentais. É a vivência da importância social. É se fazer tomar na devida consideração.

Como participação é muito importante e ameaça sempre acontecer, inventou-se no Brasil a moda da participação e da consulta comunitária. As pessoas, grupos e pequenas comunidades são convidadas, a cada instante, por muitas instituições, a tomar decisões que já foram, há muito, decididas pelas organizações representativas das classes a que pertencem as pessoas e comunidades consultadas. O apelo constante à consciência psicológica imediata sobre qualquer problema está sendo uma estratégia de esquecer e desmoralizar as decisões das classes.

A consulta às organizações representativas dos trabalhadores, dos seus aliados e opositores é o modo de tornar presentes na Universidade os interesses que se quer ver afirmados. É o caminho de resgate da organicidade da Universidade com relação aos trabalhadores. Começa-se, assim, a resgatar a Universidade.

O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO SABER

O saber é uma produção. Tem uma matéria prima: o saber em transformação. Tem um instrumental: o saber transformador. Tem agentes: são as pessoas.

O saber em transformação é o modo de sentir/pensar/agir das pessoas, ou seja, o saber em transformação são as pessoas em transformação. O saber transformador é o modo de sentir/pensar/agir das pessoas enquanto contribuem para transformar um saber. Neste caso, também o saber transformador são as pessoas modificando o saber das outras pessoas. Em síntese, a matéria

prima do saber são as pessoas, o instrumental de produção do saber são as pessoas e os agentes de produção do saber são as pessoas. São modos de sentir/pensar/agir passados e presentes transformando modos passados e presentes de sentir/pensar/agir.

A produção do saber se identifica com o confronto de saberes. Há saberes sobre campos diferentes da atividade humana. São os saberes processos físicos, químicos, biológicos, sociais, psíquicos, políticos, sobre produção do saber, etc. Há saberes de classes e grupos sociais diferentes. São os saberes diferenciados de operários, camponeses, técnicos, empresários, etc. Há saberes que se originam da construção material do mundo (produção de bens e serviços) e saberes que se originam na construção simbólica do mundo (produção de saber nas escolas, Universidades, centros de pesquisas, etc.).

Em qualquer campo de atividade, qual o lugar dos diferentes saberes na produção de um novo saber? Mais precisamente, qual o lugar do saber que teve origem nas escolas, Universidades, centros de pesquisa e do saber que teve origem na construção material do mundo (produção de bens e serviços) na produção de um novo saber?

No fundamental, o melhor saber é o que se aproxima mais das leis de geração e transformação dos problemas. É o que esclarece/resolve melhor os problemas. É o mais eficaz na afirmação de interesses. Pouco importa se tem origem acadêmica ou em outras práticas. Só que quem passou pelas Universidades é um funcionário do saber. É um intelectual. É alguém em quem a sociedade investiu para organizar/afirmar interesses.

O que exigir de quem é funcionário do saber? Que conheça e saiba organizar os saberes de seu campo de especialização. Que, em qualquer especialização, esteja atento ao jogo de interesses da sociedade. Que tome partido pela afirmação dos interesses mais fundamentais da sociedade que são os interesses dos trabalhadores. É verdade que, mesmo sendo competente, o intelectual pode optar por prestar um serviço à negação dos interesses dos trabalhadores. É possível, portanto, ser competente e indecente. Aí está a questão do enfoque, da opção política e da competência. É possível conhecer a relação do saber com a aliança/enfrentamento de interesses, conhecer bem o seu campo e se colocar a serviço da perpetuação de uma minoria cujos interesses já estão afirmados. É a indecência consciente e competente.

É possível também conhecer bem um campo de atuação, mas não viver o mundo como campo de aliança/enfrentamento de classes, nem o saber como confronto de saberes afirmando/negando interesses. Nas ciências sociais, dificilmente um intelectual assim vai muito longe. De todo modo, pode produzir um saber útil para quem souber utilizá-lo. Intelectual deste tipo pode ser muito eficaz na produção de ilusões.

Os intelectuais que não conhecem bem seu campo de atuação, que não se situam bem no jogo de interesses, mesmo tendo uma opção política, não são bons assessores para grupo nenhum. Talvez sejam úteis para algum

grupo, se estiverem trabalhando com seus adversários. Aí estes podem até ser bons produtores de ilusão. Em geral, nem isso. São intelectuais que sobram. Seu poder não está no saber. Está no poder real de punir e premiar.

O que exigir de professores universitários? O que exigir de funcionários do saber, encarregados de formar funcionários do saber? Com toda a razão, exige-se que eles tenham muita competência nas regras de produção do saber. Muita competência, portanto, no modo de organização de saberes. E, mais do que outros funcionários do saber, espera-se que os professores de Universidades conheçam todo o saber existente presente e passado do seu campo de saber. É essencial que o professor universitário saiba por quem deve estar na sociedade.

Qual deve ser, na Universidade, o lugar do saber dos professores, dos estudantes, dos autores, das diferentes categorias sociais a quem se quer e a quem não se quer servir? Como tomar na devida consideração todos esses saberes? Como viver a participação no modo de produzir saberes nas Universidades?

Atualmente acontece assim: estudam-se autores, temas abstratos, apostilhas, etc. O professor "ensina". Os estudantes "aprendem" e prestam contas. Se "aprenderem" bem são premiados. Se não conseguirem ou se resistirem, serão punidos. Seu saber não é tomado em consideração. Também não é tomado em consideração o saber das categorias a quem se quer servir, nem de seus aliados e adversários. O saber dos autores não entra, de modo orgânico, para ajudar a transformar os saberes, ou até para serem transformados. Quase sempre os autores entram como autoridade a ser consumida, como camisa de força, como garantidores do saber, como parâmetro de saber.

Todos os elementos da produção do saber estão, assim, mal utilizados. O que se consegue com essa produção tão mal administrada?

Preparam-se pessoas para sobrar na vida. Para não merecer o respeito das classes e grupos a quem se gostaria de prestar um serviço. Para trabalhar muito e, ao se retirar dos programas ou atividades, nem deixar falta nem levar saudades.

É bastante grande a insatisfação e ansiedade de técnicos que, por este Brasil afora, fazem assessoramento ao povo, em programas governamentais e particulares. É que eles reproduzem, em sua prática, a experiência torta vivida na Universidade.

Ao não tomar em consideração o seu saber, ao lhe impor um outro saber, consegue-se ainda que o estudante perca a segurança do saber de que era detentor. Não tendo segurança de saber que lhe está sendo imposto, perdendo segurança de seu saber passado, o estudante perde sua segurança e sua auto-estima, o que é conveniente para geração/sustentação de práticas autoritárias.

Viver a participação na produção de saberes coincide com tomar na devida consideração o saber dos professores, dos estudantes, dos autores,

das categorias sociais cujos interesses se quer ver afirmados de seus aliados e adversários.

Espera-se que o professor detenha muito mais saber do que os estudantes. Espera-se que ele seja especialista em organizar saberes. É sua função. Para isso a sociedade pagou seus estudos e lhe paga um salário.

O resgate da Universidade acontece, fundamentalmente, na vivência da participação no processo de produção do saber.

O QUE VALIDARIA A PRODUÇÃO DO SABER

Saber-se-ia o sucesso da prática de produção do saber pelo que se está conseguindo no processo de fazer valer interesses. Validaria o saber a satisfação e tranquilidade na luta de afirmação de interesses. Sabe mais quem se posiciona melhor na luta.

Como avaliar a produção do saber? Como reorientar o processo de produção do saber?

Atualmente acontece assim: a matéria é dada. As provas e exames controlam se os estudantes aprenderam. Os "alunos" merecem 10, 9, 5, ... São aprovados ou reprovados.

Como se daria a avaliação da produção na sala de aula?

Em vez de uma prestação de contas em que só são punidos/premiados os estudantes, haveria um permanente pensar/repensar sobre o que produzir e sobre a prática pedagógica. O modo atual de avaliação é mais um exercício de poder burocrático e policial do professor. Num processo permanente de reorientação dos fins e dos meios da prática de produção do saber, a nota prêmio/punição de estudantes seria substituída por processo permanente de confronto entre todos os participantes da prática pedagógica. O processo diria quem deveria ficar mais algum tempo aprofundando questões consideradas importantes.

A DIVISÃO ENSINO-PESQUISA-EXTENSÃO

Atualmente na Universidade acontece assim: há um setor de ensino. Aí não se estudam problemas. Estudam-se disciplinas teóricas e disciplinas práticas. Há um setor de pesquisa. Aí realizam-se pesquisas encomendadas pelo setor público e privado de órgãos nacionais e internacionais. Os bancos internacionais se interessam muito por pesquisas. Algumas pessoas são contratadas como pesquisadoras. Alguns alunos, sobretudo os de pós-graduação, são admitidos ao setor de pesquisa. O que se estuda no setor de ensino não tem muito a ver com as pesquisas. O que se pesquisa não tem muito a ver com o que está acontecendo em salas de aula. Há também um setor de extensão universitária. Aí estão os estágios obrigatórios e facultativos. Aí estão os eventos artísticos, folclóricos, esportivos, etc. O setor de extensão é uma tentativa de integração universidade-sociedade. O ensino seria a teoria. A pesquisa e as atividades de extensão seriam a prática. Só que são coordena-

ções diferentes com preocupações diferentes. Por isso, o estágio, em geral, fica sem a pretensa teoria da sala de aula. Por sua vez, os estagiários dizem que não são preparados para suas atividades fora da sala de aula. As atividades artísticas, esportivas, etc. são práticas totalmente independentes com relação ao ensino regular e ao setor de pesquisas.

Vale ressaltar também que, na pesquisa e extensão, nem sempre se toma na devida consideração o saber dos estudantes, dos professores e das categorias sociais fundamentais.

A perspectiva de produção do saber elimina a dicotomia ensino/pesquisa/extensão.

A extensão é uma dimensão do processo. Acontece ao se consultar as categorias sociais fundamentais, ou suas organizações, sobre o que estudar nas Universidades. Acontece ao tentar retomar o saber das diferentes categorias sociais sobre os problemas a estudar. Acontece também ao se tentar socializar e validar o saber produzido.

A pesquisa é também uma dimensão indissolúvel do processo de produção do saber. Se admitimos que conhece melhor quem consegue revelar melhor as leis de geração/gestação/solução de problemas e, se admitimos que essas leis são históricas, acontecendo em cada momento da prática de aliança/enfrentamento de interesses, aceitamos, por isso mesmo, que só a pesquisa permanente é capaz de revelá-las.

Ensino, pesquisa, extensão são dimensões inseparáveis. Sua separação torna capenga o próprio processo de produção de saber.

O que fazer nesta atual divisão?

Estando nessas gavetas, convém refazer a unidade. Quem estiver na pesquisa, ou no ensino, ou na extensão, faça em qualquer lugar, ao mesmo tempo, ensino, pesquisa e extensão. Para isto basta viver o saber como uma produção. Basta viver o lugar exato dos diferentes setores na produção de um novo saber. Basta viver a participação no processo de produção do saber.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Com que Universidade se sonha? Como resgatar a atual Universidade? Como resgatar as principais relações da Universidade com a sociedade? Como conseguir a participação das categorias sociais fundamentais na definição do que estudar nas Universidades? Como viver a participação dos saberes de professores, estudantes, autores, categorias sociais fundamentais na produção de um novo saber? Como resgatar, enfim, a participação na produção do saber, ou como viver o saber como uma produção bem administrada?

O estágio atual da Universidade é o resultado de uma estratégia. Investiu-se muito para que ela se tornasse assim como está. É admirável o que se conseguiu. A muita gente convém a situação atual da Universidade. Ela produz um tipo de saber que facilita a vida de grupos cujos interesses estão afirmados. E produz um saber que não facilita a luta de categorias que tentam

afirmar os seus interesses.

O que poderia fazer quem, dentro da Universidade, gostaria de prestar um serviço aos interesses fundamentais da maioria da sociedade?

O serviço a interesses fundamentais na sociedade coincidirá com a competência e a decência na prática de produção do saber na Universidade.

A decência é a opção pelos interesses da maioria da sociedade. A competência é viver o lugar exato dos diferentes saberes na produção de um novo saber. Faz parte também da competência ser detentor do conhecimento existente no seu campo de saber.

A grande transformação da Universidade coincide com uma adequada administração do processo de produção do saber. Não precisaria de uma prática ou de um discurso excedente sobre a transformação. A grande transformação é a vivência da participação na prática universitária.

É bom tentar realizar, na prática concreta, os objetivos que se quer conseguir. A nova realidade são novas relações possíveis e antecipadas no seio da velha ordem. É possível viver na prática atual relações diferentes das que não gostamos.

Valeria um esforço para resgatar a Universidade. Tanto esforço feito para conseguir desviá-la de sua função é indício de sua importância social.

Experiências vividas na Universidade Federal da Paraíba, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na SUDENE, na Universidade Católica de Salvador, no Centro Josué de Castro em Recife, no NOVA no Rio de Janeiro, no CNETRU - PE, no POLONORDESTE de Maranhão, Bahia e Pernambuco, bem como em outras instituições no sentido de viver adequadamente a produção do saber deixaram algumas lições. Apesar de todas as dificuldades em viver um processo participativo de produção do saber, a experiência ajudou a recuperar o entusiasmo dos participantes. Produziu uma vontade de conhecer mais profundamente os processos em estudo. Resgatou o gosto de ler autores e a relação da produção/transformação do saber com a transformação da realidade.

Quase tudo que foi dito aplica-se a qualquer instituição de ensino e pesquisa. A negação da participação, no processo de produção do saber vem desde a escola primária. Insistimos aqui na Universidade por ser ela a coroação do processo. É o diploma final. A Universidade confirma a ilusão do saber e retira de algumas pessoas a capacidade de aprender. Há diplomados de pós-graduação que se comportam como se nada mais tivessem a aprender. Estão só para ensinar. Coitados!

Olinda, 15 de março de 1987